

Política Qualidades dos superatletas são defeitos noutros contextos

A estrela do futebol como símbolo da nação: uma jogada política arriscada?

Na mensagem ao país do último Natal, o primeiro-ministro pediu “mentalidade Cristiano Ronaldo” aos portugueses. Não foi o primeiro político a apontar CR7 como modelo. Nem o último

Álvaro Vieira

Quer os que pedem compreensão e gratidão para com Cristiano Ronaldo, quer os que exigem censura e punição pela polémica em que se envolveu com o seleccionador e pelo abandono do estágio da selecção, tendem a convergir que o atleta é um “símbolo nacional”. A história que ditou a ausência do jogador de 41 anos dos três últimos jogos da selecção tem muitos capítulos (ver pág. 29), mas o que cabe nestas páginas é a questão da representação nacional – política, portanto.

José Gil, o escritor e filósofo que, no livro *Em Busca da Identidade: O Desnorte* (Relógio D'Água, 2009) reflectiu sobre os processos individuais e colectivos de subjectivação em Portugal, recusa considerar Cristiano Ronaldo um “símbolo nacional”, muito menos um modelo a seguir como tem sido proposto pelo poder político. “Acho lamentável – é uma construção, dos tempos actuais – que alguém possa ser mediatizado e elevado a um ponto de ícone, artificialmente. E que, depois, por ter imenso dinheiro – e influência, por causa do dinheiro –, seja objecto, ou por outra, sujeito de uma série de acções lamentáveis. Pessoais e institucionais. Isso é um mal dos tempos modernos, nos países desenvolvidos, e Portugal não escapa a isso”, acrescenta.

Especialista em Comunicação, António Cunha Vaz, pelo contrário, não duvida de que Cristiano Ronaldo é, por mérito, um símbolo nacional. Seja pelo sucesso desportivo, seja por ser “o português mais conhecido de sempre”, seja pela marca que representa – avaliada no ano passado pelo IPAM em 850 milhões de euros –, seja ainda pela sua história de vida, “que tinha tudo para correr mal e à qual ele soube dar a volta”.

Para Cunha Vaz, que tem contratos com o Ministério da Saúde e com o IAPMEI, os políticos fazem muito bem em “enaltecer as grandes qualidades” de Ronaldo, que não é apenas futebo-

lista: tem negócios nas áreas da comunicação social (com 30%, é o maior accionista individual da Medialive, dona da CMTV e da Now, além de títulos da imprensa como *Correio da Manhã*, *Record*, *Jornal de Negócios* e *Sábado*), do turismo, da moda e outros.

No último Natal, na tradicional mensagem televisada ao país, o primeiro-ministro, Luís Montenegro, pediu uma “mentalidade Cristiano Ronaldo” aos portugueses, a ambição de “jogar para ganhar”. Não foi o primeiro a apontar o CR7 como modelo. Tiago Brandão Rodrigues, ministro da Educação com a tutela do Desporto num dos governos de António Costa, saudou-o por ocasião da conquista de uma das suas cinco bolas de ouro, como “um dos melhores exemplos de combatividade, resiliência” e “inspiração para as novas gerações”.

Marcelo Rebelo de Sousa disse em várias ocasiões, e em várias línguas, que Ronaldo era o melhor, *the best*, um exemplo. Em 2018, na Casa Branca, as televisões registaram o diálogo

do ex-Presidente português com Donald Trump. Marcelo diz que Portugal tem o melhor jogador de futebol do mundo. Trump pergunta a Marcelo se Cristiano Ronaldo alguma vez se candidatará à Presidência da República: “Ele ganhava-lhe”, avisa. Marcelo mostra-se tranquilo: “Portugal não são os Estados Unidos”.

Em 2018, o então primeiro-ministro António Costa, defendeu a presunção da inocência de Ronaldo, perante a acusação, da norte-americana Kathryn Mayorga, de ter sido violada 9 anos antes, em Las Vegas, pelo jogador português. “O que está provado é que ele tem sido excepcional e tem honrado Portugal”, disse então Costa. Na cimeira do G7 do ano passado, já como presidente do Conselho Europeu, Costa ofereceu uma camisola autografada do CR7 a Trump, com a frase escrita por este “*Playing for peace*”. Ai, dias depois dos primeiros ataques de Israel e dos EUA ao Irão, Ronaldo, consciente ou não, ajudou a passar a mensagem da Europa.

Investigadora de comunicação política e digital e professora na Universidade Católica, Rita Figueiras considera que o poder de atracção de Ronaldo, que tem um total de mil milhões de seguidores “*worldwide*” nas redes sociais, seria necessariamente uma tentação para o poder político, que sempre procurou associar-se às estrelas do cinema, do desporto, da música, para, “como que por osmose”, adquirir algumas das qualidades destas aos olhos do público, e também para demonstrar identificação, proximidade, “sintonia com os interesses” dos seus eleitores. Que até pode ser sincera: o político pode gostar mesmo de futebol.

Rita Figueiras assinala outro aspecto desta relação. “Quando o primeiro-ministro apela à ‘mentalidade Cristiano Ronaldo’, conceito que todos entendem, está a



tornar o discurso mais interessante e acessível a sectores da população aos quais termos como ‘competitividade’ ou ‘produtividade’ diriam muito menos”. E está, claro, a garantir mais audiência ao discurso, ao usar um nome que é um *soundbite* e que “certamente agradará muito aos algoritmos” das redes sociais.

Além disso, Rita Figueiras admite que a preocupação do primeiro-ministro na polémica do CR7 na selecção – Montenegro telefonou a Ronaldo, a Jesus e ao presidente da Federação, que perdeu mais de 2 milhões de seguidores no Instagram – tenha também a ver com os financiamentos a conquistar para o Mundial de 2030, a organizar por Portugal, Espanha e Marrocos.

Não correm os políticos o risco de se queimar, ao aproximarem-se destas estrelas? As suas virtudes e talentos não se transformam facilmente, por subtilezas alterações de grau ou ine-

vitáveis mudanças de contexto, em defeitos vinculados?

Particularidades mentais

Habitado a estudar desportistas e a alta performance, Rui Gomes, da Escola de Psicologia da Universidade do Minho, começa por dizer que, “às vezes, perante os elevados níveis de sucesso, esquecemos que, por trás do atleta de elite, está alguém com fragilidades”.

“Sabemos que têm particularidades mentais que os tornam distintos dos outros. Do ponto de vista motivacional, são muito focados no seu próprio rendimento. Aliás, uma das críticas que se ouvem a respeito de Cristiano Ronaldo é que, às vezes, parece mais um atleta individual do que um atleta da equipa, mesmo sendo o capitão. Esta é uma característica dos atletas de elite, têm grande capacidade de se focar no seu próprio rendimento e sempre com um eleva-

“As pessoas compreendem bem o que é que os políticos têm elogiado – a ambição, o espírito de sacrifício, a disciplina – em Cristiano Ronaldo

António Cunha Vaz
Especialista em
Comunicação





TIAGO PETINGA/LUSA

do nível de insatisfação – procuram constantemente bater as suas próprias metas e desafiar as suas próprias capacidades. Têm uma coisa que os treinadores adoram, que é uma grande capacidade de gerir a pressão competitiva”. É por isso que são aqueles que decidem e é por isso que se tornam símbolos nacionais, quando integram a selecção de uma modalidade com a popularidade do futebol, acrescenta.

“Este é o lado visível da moeda. O que está do outro? Depende muito das modalidades, mas o que os estudos nos mostram é que entre 10 a 30% destes atletas acabam por experimentar problemas de adaptação à competição. Desde logo, aquilo que no futebol é mais do que evidente: a sobrecarga competitiva, ditada pelo modelo de negócio”.

Segundo Rui Gomes, isto conduz a situações de stress, ansiedade e até, nalguns casos, de depressão. Em

À partida para o Mundial 2026, a selecção oferece uma camisola ao primeiro-ministro. Montenegro foi criticado pelo número de jogos a que foi assistir — uma “ponte aérea”, disse a oposição

1000 milhões

é o número total de seguidores de CR7 nas redes sociais

segundo lugar, começam a desenvolver “alguma intolerância à frustração, ao erro”. Em terceiro lugar, temos “as expectativas sociais”, o receio, ou constatação, de não estarem à altura do que se espera deles e a descoberta, por lesão ou pela idade, de que, de repente, “passam da multidão para o vazio”. E, por último, as lesões.

Na polémica à volta do CR7, o que impressiona Rui Gomes é a forma como Ronaldo e Jesus “falaram, mas não conseguiram uma comunicação eficaz” para superar equívocos, evitando a passagem da “pequena inconformidade ao caso nacional inacreditável, numa bola de neve”; e a informalidade, que não protegeu ninguém, com que tudo se passou, com intervenção de pessoas da esfera do jogador, estranhas a uma “federação a que não faltam meios e pessoas com experiência”.

Nesse grupo, aliás, vemos pessoas que assistiram ou protagonizaram

incidentes como o da agressão de Sá Pinto ao seleccionador Artur Jorge e ao adjunto Rui Águas, em 1997; da agressão de João Vieira Pinto a um árbitro no Mundial de 2002; ou do abandono do estágio por Ricardo Carvalho em 2011 (que Ronaldo criticou). Isto confirma que este é um meio demasiado emocional e volúvel, do qual a comunicação dos políticos se deve prudentemente afastar?

Rui Gomes admite que sim, mas acha que confirma, sobretudo, que “é um mito” a ideia de que os superatletas dispensam apoio psicológico.

Rita Figueiras acha que o risco que um político corre ao associar-se à imagem de um futebolista depende de factores como a intensidade, a continuidade, a trajectória e o perfil, institucional ou não, do político em causa. Por exemplo, dúvida muito que a associação do secretário de Estado da Saúde norte-americano, o negacionista Robert Kennedy Jr., corra grandes riscos ao associar-se à extravagância rebelde do cantor Kid Rock.

António Cunha Vaz, a quem a gestão de crises não será estranha, não compra esta ideia de risco, para os políticos. “Não correm risco nenhum. Elogiaram o Ronaldo e muito bem, que é dos poucos exemplos globais que temos! Temos outros grandes atletas, como o Fernando Pimenta, mas tem o azar de estar na canoagem, que não tem a força do futebol”.

A questão, para Cunha Vaz, é que “as pessoas compreendem bem o que é que os políticos têm elogiado — a ambição, o espírito de sacrifício, a disciplina — em Cristiano Ronaldo”, que, em sua opinião, está a gerir bem esta crise, com a apresentação de desculpas e o pedido de castigo para si próprio. “As pessoas distinguem completamente o que é elogiado nestas pessoas e compreendem que, mesmo que venham a prevaricar noutros planos, não deixam de ser grandes atletas”.

O presidente do Governo Regional da Madeira concorda, por certo. Disse há dias que, por tudo o que deu ao país, Ronaldo “não pode ser tratado como uma pessoa qualquer”.

Cunha Vaz nota ainda que Ronaldo tem sido “elogiado por todos, de forma transversal, não houve um aproveitamento político de um sector específico”.

Jantar com Trump

Cristiano Ronaldo tem-se conseguido resguardar do ponto de vista dos apoios recebidos e concedidos à esfera política, com uma excepção estrondosa. Doze dias depois da entrevista ao amigo Piers Morgan na qual dizia que Donald Trump era a personalidade com quem gostaria de conversar por sentir que tinham “muito em comum”, Ronaldo foi mesmo recebido, a 18/11/2025, na Casa Branca pelo Presidente dos Estados Unidos. Fê-lo acompanhando o não menos controverso prínci-

pe regente Mohammed bin Salman (MBS), o regente da Arábia Saudita, onde CR7 alinha no Al Nassr.

Na emissão de 24/11/2025 do *Princípio da Incerteza*, na CNN, o historiador e colunista do PÚBLICO José Pacheco Pereira considerou a visita a Trump “uma espécie de traição” a Portugal. “Foi um acto político, e deve ser visto como tal. Sei que a palavra é forte, mas o país também é vítima das tarifas de Trump”, justificou Pacheco Pereira, referindo-se à guerra comercial declarada pelos EUA à Europa. “Foi fazer de pajem de um homem que é um assassino”, criticou ainda o historiador, referindo-se ao facto de o regime de MBS ter matado, e esquartejado, o jornalista Jamal Khashoggi no consulado saudita de Istambul.

Mesmo sem polémicas, Rui Gomes não gosta de ver os superatletas, que se contam pelos dedos na mão, como símbolos nacionais. “Dá ideia de que o país são eles, e não é verdade. Temos pessoas excelentes em todas as áreas, e temos quem se levante às 4h e chegue a casa à noite para pôr comida na mesa”.

“Isto é uma coisa nova”

O sociólogo João Nuno Coelho, mais conhecido como comentador desportivo da RTP e TSF, também acha que o CR7 será um “símbolo frágil”, como frágil será sempre a racionalidade da decisão de “dar estátuas ou nomes de pessoas vivas a ruas ou aeroportos. E questiona: o que seria se algo como o caso Mayorga tivesse uma conclusão diferente? “E o que estamos a dizer agora às nossas crianças, que está bem abandonar a selecção e não mostrar espírito de equipa nenhum?”

Por outro lado, João Nuno Coelho receia que se mantenha, e se tenha até acentuado, algo que detectou há 25 anos quando publicou *Portugal, A Equipa de Todos Nós* (Afrontamento, 2001). A dependência excessiva do futebol como mecanismo de construção identitária de Portugal, por comparação com outros países europeus que se afirmam e têm símbolos em mais áreas.

João Nuno Coelho concede que, quando alguém de um país de dez milhões atinge os mil milhões de seguidores e é sem dúvida o português mais conhecido no mundo, a afirmação de uma dimensão simbólica se torna difícil de controlar. Ainda assim, mesmo receando parecer elitista, assume que preferiria ver como símbolo da portugalidade algo mais perene do que “o jogar bem à bola” ou ter enorme notoriedade.

Em qualquer caso, o sociólogo recorda que tudo isto é inédito e que estamos a aprender com o caso de Ronaldo. “Já vimos grandes atletas que obviamente envelheceram e perderam o desempenho. Mas não tinham mil milhões de pessoas no Instagram e no Facebook e não sei que mais. Isto é uma coisa nova.”